



SÃO LUÍS DO MARANHÃO E O SEU IMPORTANTE PATRIMÔNIO INDUSTRIAL REMANESCENTES DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX

SÃO LUÍS DO MARANHÃO Y SU IMPORTANTE PATRIMONIO INDUSTRIAL RESTANTE DEL SIGLO XIX Y PRINCIPIOS DEL XX

SÃO LUÍS – MARANHÃO AND ITS IMPORTANT INDUSTRIAL HERITAGE REMAINING FROM THE 19TH AND EARLY 20TH CENTURIES

Eixo 1 – Patrimônio, democracia e direitos humanos

Patrimônio industrial e o mundo do trabalho.

Thais Trovão dos Santos Zenkner

Professora Doutora (Associada I). UEMA, thaiszenkner@professor.uema.br

Érico Peixoto Araujo

Professor Doutor (Adjunto IV). UEMA, ericoaraujo@professor.uema.br

Igor Mendes Monteiro

Professor Doutor (Adjunto I). UEMA, igormonteiro@professor.uema.br



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

Resumo:

Este trabalho objetiva pesquisar a história da arquitetura fabril em São Luís - MA no século XIX e início do XX evidenciando esse importante período da história da arquitetura maranhense onde essas antigas edificações ainda se fazem presente na cidade. O trabalho foi realizado a partir de pesquisas bibliográficas em fontes primárias e secundárias e levantamento fotográfico. O estudo da arquitetura fabril em São Luís justifica-se por tratar de um importante período da história da arquitetura que marca as últimas décadas do século XIX e o início do XX. São grandes construções que ainda hoje se destacam no tecido da cidade, algumas restauradas e abrigam atividades: centro cultural; cursos universitários, escolas e outras encontram-se em estado de abandono. Essas edificações marcam um rico período da história que merece ser ressaltado com intuito de sensibilizar a conservação/reabilitação desses espaços. Fez-se uma pesquisa histórica e fotográfica de fábricas de São Luís, objetivando divulgar esse patrimônio e sua conservação, dentre elas: Fábrica Camboa, Companhia de Fiação e Tecidos Cântamo, Fábrica Santa Isabel, Fábrica Santa Amélia, Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil, Companhia de Fiação e Tecelagem São Luís, que se destacam, tanto em imponência de infraestrutura quanto em precursoras de grandes bairros ludovicenses. As plantas baixas, cortes esquemáticos e imagens encontradas de alguns empreendimentos demonstram sua grandiosidade e representatividade para os bairros nos quais estavam instalados. O período industrial de São Luís foi importante para a formação urbana, econômica e social da cidade. As fábricas contam um pedaço importante da história e, por isso, o levantamento histórico e a preservação desse patrimônio são cruciais para o entendimento do período de apogeu da capital e para a conservação da sua memória.

Palavras chave: São Luís. Arquitetura fabril. Patrimônio.

Resumen:

Este trabajo objetiva investigar la historia de la arquitectura fabril en São Luís - MA en el siglo XIX y principios del XX, destacando este importante período de la arquitectura en Maranhão donde estos edificios antiguos todavía están presentes en la ciudad. El trabajo se realizó con base en investigación bibliográfica en fuentes primarias y secundarias y levantamiento fotográfico. El estudio de la arquitectura fabril en São Luís se justifica porque aborda un período importante de la historia de la arquitectura que marca las últimas décadas del siglo XIX y principios del XX. Se trata de grandes edificios que aún hoy destacan en el tejido de la ciudad, algunos de los cuales han sido restaurados y albergan actividades: centro cultural; cursos universitarios, escuelas y otros se encuentran en estado de abandono. Estos edificios marcan un rico período que merece ser destacado para generar conciencia sobre la conservación/rehabilitación de estos espacios. Se realizaron investigaciones históricas y fotográficas sobre fábricas de São Luís, con el objetivo de dar a conocer este patrimonio y su conservación, entre ellas: Fábrica Camboa, Companhia de Fiação e Tecidos Cântamo, Fábrica Santa Isabel, Fábrica Santa Amélia, Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil, Companhia de Fiação e Tecelagem São Luís, que se destacan, tanto por la grandeza de su infraestructura como por ser precursores de los grandes barrios ludovicenses. Los planos, cortes esquemáticos e imágenes encontradas de algunos proyectos demuestran su grandiosidad y representatividad para los barrios en los que se ubicaron. El período industrial de São Luís fue importante para la formación urbana, económica y social de la ciudad. Las fábricas cuentan una parte importante de la historia y, por tanto, el recorrido histórico y la preservación de este patrimonio son cruciales para comprender la época de apogeo de la capital y conservar su memoria.

Palabras clave: São Luís. Arquitectura de fábrica. Herencia.

Abstract:

This work aims to research the history of factory architecture in São Luís - MA in the 19th and early 20th centuries, highlighting this important period in the history of architecture in Maranhão where these old buildings are still present in the city. The work was carried out based on bibliographical research in primary and secondary sources and photographic survey. The study of factory architecture in São Luís is justified because it deals with an important period in the history of architecture that marks the last decades of the 19th century and the beginning of the 20th. These are large buildings that still stand out in the fabric of the city today, some of which have been restored and house activities: cultural center; university courses, schools and others are in a state of abandonment. These buildings mark a rich period in history that deserves to be highlighted in order to raise awareness about the conservation/rehabilitation of these spaces. Historical and photographic research was carried out on factories in São Luís, aiming to publicize this heritage and its conservation, among them: Fábrica Camboa, Companhia de Fiação e Tecidos Cântamo, Fábrica Santa Isabel, Fábrica Santa



Amélia, Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil , Companhia de Fiação e Tecelagem São Luís, which stand out, both in terms of infrastructure grandeur and as precursors of large Ludovicense neighborhoods. The floor plans, schematic sections and images found of some projects demonstrate their grandeur and representativeness for the neighborhoods in which they were located. The industrial period of São Luís was important for the urban, economic and social formation of the city. Factories tell an important piece of history and, therefore, the historical survey and preservation of this heritage are crucial for understanding the capital's heyday period and for conserving its memory.

Keywords: São Luis. Factory architecture. Heritage.



SÃO LUIS DO MARANHÃO E O SEU IMPORTANTE PATRIMÔNIO INDUSTRIAL REMANESCENTES DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX.

O século XIX foi o período de apogeu da cidade de São Luís, nomeada como a quarta cidade mais importante do império brasileiro, pelo seu patrimônio edificado e a qualidade das ruas e calçadas (SILVA. F. OLAVO, 1947). Essa construção, expansão física e os melhoramentos urbanos só foram possíveis pelos importantes ciclos econômicos que o Maranhão passou neste século.

Neste período, mais precisamente por volta de 1780 a 1820, a atividade econômica maranhense era baseada na agro exportação do algodão, ou seja, tudo que era produzido nas terras maranhenses era vendido para abastecer as fábricas têxteis inglesas, graças as atividades portuárias e a navegação a vapor. Outro período importante para economia do Estado compreende os anos entre 1850 a 1870, com o estímulo do governo provincial para a monocultura açucareira (FERREIRA, 2014).

A abolição, em 1888, traz também uma crise que atinge a aristocracia rural, com a desvalorização das fazendas agrícolas maranhenses. A última década do século XIX, que tantas glórias trouxe para o Maranhão, foi vivida em um clima de adaptação e esperança, tanto pela ausência do braço escravo, quanto pelas novas leis do novo regime federativo e republicano que mudava a forma de governo e acabava com os títulos e as distinções de nobrezas.

Com a República a industrialização começa a se desenvolver. Em 1890 é inaugurada a primeira fábrica de tecidos da capital, denominada “Camboa do Mato”, seguida de outras que vieram formando um importante parque industrial na cidade. Nesta época, São Luís passa a agregar mais um papel, o de cidade-capital industrial da sua região, passando a ser também chamada de “Manchester do Norte”. Embora pouco a pouco estivesse se instalando uma crise econômica no novo Estado do Maranhão, graças à produção algodoeira, esta crise estava camuflada pelo surto industrial no ramo têxtil. A virada do século XIX para o XX trouxe para São Luís novas possibilidades, a partir da implantação de suas fábricas têxteis (ZENKNER, 2011).

A mão de obra escrava, extinta, tornou-se mão de obra para as atividades industriais que não exigiam qualificação profissional e gerava empregos aos ex-escravos. Porém, esta população não tinha direito à moradia, à medida que a propriedade privada das terras adquiriu valor e o acesso à mesma era permitido a quem pudera pagar. Então lhes restavam as áreas afastadas e sem infraestrutura, nascendo outros bairros e áreas de ocupação ilegal (FERREIRA, 2014).

As fiações e tecelagens se instalaram na periferia da cidade de São Luís do Maranhão. Segundo Silva Filho (1998) essas fábricas assim como os prédios públicos, foram influenciadas por padrões da arquitetura residencial, especialmente quanto à implantação sobre o alinhamento e aberturas dos vãos e fachadas. Eram edifícios com grande volumetria, destacando-se das construções vizinhas e possuindo grandes espaços internos, como exige a atividade industrial.

Áreas próximas às indústrias eram destinadas a residências dos operários que geralmente localizavam nas áreas centrais. Algumas fábricas de São Luís foram instaladas nos arredores do centro comercial da cidade, estimulando o surgimento dos bairros operários, a exemplo: da Fábrica Cânhamo, Fábrica Santa Amélia, e Fábrica São Luís, responsáveis pelo crescimento do bairro da Madre Deus, nas proximidades do rio Bacanga, naquele período limite da área urbana. Outras foram instaladas mais distantes, em áreas suburbanas, como: a Fábrica da Camboa, localizada na Camboa do Mato; a Fábrica Santa Isabel, no Caminho Grande; a Fábrica São Jorge, no Caminho



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

da Boiada; e a Fábrica do Anil, a mais distante da área urbana localizada na povoação do mesmo nome. Estas estimularam o surgimento de vilas operárias nas proximidades das fábricas, uma forma de garantir a constante presença da força de trabalho.

As localizações das fábricas, que geralmente ficavam em pontos extremos da cidade da cidade, no meio urbano ou suburbano, permitiram a formação ou ocupação de bairros populares. Algumas companhias, como a Rio Anil, a Tecidos Maranhense, na Camboa e a Fabril construíram em suas proximidades vilas operárias (MARTINS, 2005, p.99).

Assim na área lindeira as Companhias de Fiação e Tecidos Maranhenses (localizada na Camboa em 1890) e a Fabril Maranhense, surgiram os bairros como Vila Passos e Areal em 1891; A Fiação e Tecidos Cântamo em 1891 (onde se localiza atualmente o CEPRAMA) e a Fiação e Tecelagem São Luís em 1894 originaram áreas residenciais como Madre Deus, Goiabal e Lira; A Fiação de Tecido do Rio Anil em 1893 por sua vez, originou o bairro do Anil, mais distante do centro da capital, interligado por uma linha de bonde.

Segundo Viveiros (1964), no início da República, São Luís contava com cerca de 40.000 habitantes. O capital acumulado pelos ricos proprietários de terra passa a ser investido nas indústrias e aos seus atributos de capital administrativa, capital cultural e capital comercial, São Luís se torna rapidamente uma capital-industrial (ZENKNER, 2011).

Tomando de empréstimo a explicação de Marques (2008), após a segunda Guerra Mundial as fontes de produção industrial dos países aliados estavam desorganizadas, permitindo uma participação maior das fábricas têxteis brasileiras no mercado externo, inclusive as maranhenses, que até esse período obtiveram bons lucros. No entanto, com a reestruturação do mercado externo, as fábricas do sul e algumas do nordeste brasileiro se modernizam substituindo o maquinário obsoleto. As fábricas maranhenses não fizeram investimentos significativos, resultando em uma produção menor e mais cara em relação às outras fábricas do país, abalando fortemente a “Manchester do Norte”.

Em 1895, o conjunto industrial maranhense era composto por 27 fábricas, 15 delas eram implantadas em São Luís, mas segundo Ribeiro Júnior (2001) várias não sobreviveram ao primeiro quartel do século XX. De fato, durante alguns anos São Luís se constitui e reina como uma nova cidade-capital industrial do país, mas os problemas na economia maranhense se agravariam a partir de 1904. Hoje São Luís tem um importante patrimônio industrial que ainda se destaca na cidade patrimônio da humanidade que precisa ser evidenciado e protegido.

No Álbum... (1899) várias dessas fábricas foram fotografadas, a exemplo da fábrica Santa Izabel, também a fábrica Industrial de Martins & Irmãos que trabalhava com óleo, sabão, velas e arroz foi instalada em frente ao Largo São Thiago que, nesse período, também ficava no limite urbano da cidade. O terreno da fábrica descortinava para a margem direita do rio Bacanga, e é descrito neste Álbum, como um lugar repleto de árvores e muito bonito (ZENKNER, 2011).

Na Figura 1, estão marcadas as principais fábricas citadas, com exceção da Fábrica do Anil a qual estava distante alguns quilômetros da área urbana de São Luís, na povoação do Anil e a Fábrica São Jorge implantada no Caminho da Boiada, que era o caminho por terra dos que chegavam do interior da ilha (ZENKNER, 2011).



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

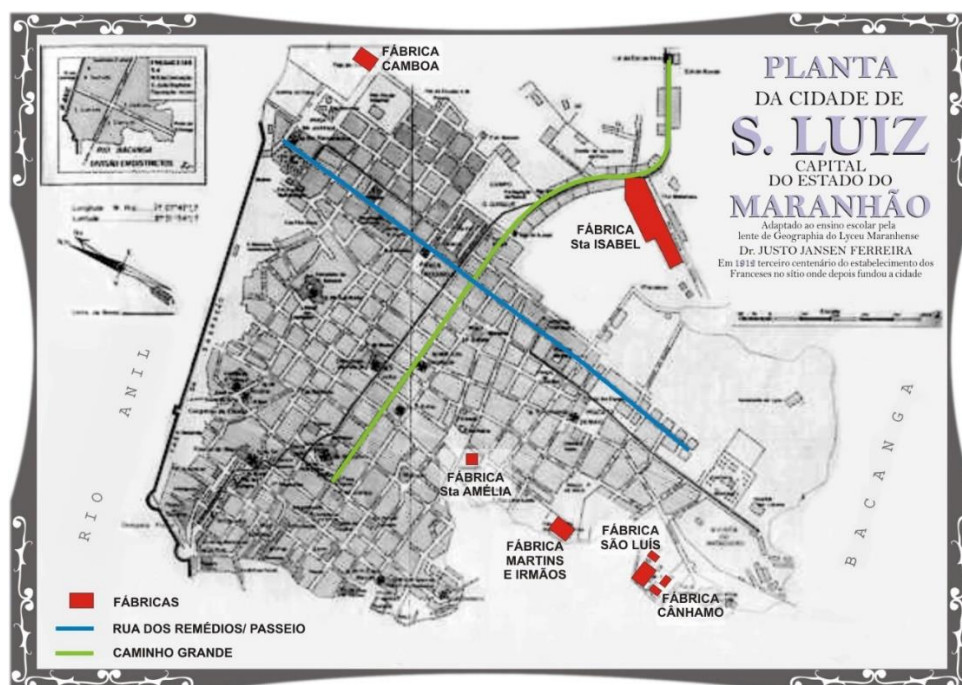


Figura 1: Planta da Cidade de São Luís com suas fábricas-1900
Fonte: Zenkner, 2011

Comparando os parques fabris¹ das principais cidades brasileiras Viveiros, registra Minas Gerais, com 37 fábricas, o Maranhão com 16, a Capital Federal com 15, a Bahia com 12 e São Paulo com 10 fábricas (VIVEIROS, 1964). Nota-se nesses números o quanto foi próspera a aristocracia rural do Estado ao longo do século XIX, visto a construção em tão poucos anos desta, “cidade industrial”, exclusivamente com capitais da região (ZENKNER, 2011).

Foi ao longo do século XIX e na primeira década do XX que São Luís complementou e construiu o seu patrimônio, constituindo-se em uma importante cidade-capital, centralizando o comércio, a cultura, a política e a economia de sua região. Essa “capitalidade” exercida por São Luís até o início do século XX, quando a cidade ainda consegue manter-se como um produtivo centro industrial, legou um belo patrimônio arquitetônico e urbanístico. As atividades industriais ainda eram rendosas, permitindo à cidade continuar com seus ciclos de reformas e melhorias urbanas. Suas indústrias, porém, sobrevivem até a segunda Guerra Mundial. Tempos depois, entram em falência, pois não conseguem competir com as indústrias mais modernas do sul do país.

¹ “Esse parque fabril legou a São Luís um importante conjunto arquitetônico. A Fábrica do Cânhamo (1891), por exemplo, apresentava uma volumetria e opulência moderna para sua época. Na sua fachada destacava-se uma grande chaminé, janelas em arco abatido, com venezianas protegidas por grades de ferro, óculos e platibandas. Construída por espessas paredes em pedras e na entrada principal, piso em ladrilho hidráulico. Outra fábrica que representa esse patrimônio fabril ludovicense é a Fábrica Santa Amélia (1893). Instalada em um imóvel que é um exemplar da arquitetura tradicional luso-brasileira, inicialmente era uma residência. A fachada do corpo central era constituída por dois pavimentos mais mirante, revestida com azulejo apresentava vão de janela em arco abatido protegidas por gradis de ferro. A Fábrica São Luís (1894), uma das maiores, seguia padrões da arquitetura fabril com fortes influências inglesas ligadas à Revolução industrial, constituindo-se por uma sucessão de galpões, tendo como características principais: grossas paredes, amplo pé-direito, estrutura metálica, telhas francesas, janelas internas em madeira e vidro com bandeiras e o portão de acesso em ferro com o logotipo da fábrica” (LOPES, 2008, p. 201- 205).



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

Arquitetura Fabril em São Luís - MA

Em 1888, foi instalada em São Luís a Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense, que seria a primeira fábrica da capital, às margens do rio Anil, na Camboa do Mato, por isso ficou conhecida como Fábrica Camboa. Depois desta, outras surgiram na capital, todas voltadas à atividade têxtil, destacamos: Companhia de Fiação e Tecidos Cântamo (1891), Companhia Fabril Maranhense - Santa Isabel (1892), Fábrica Santa Amélia (1893), Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil (1893), Companhia de Fiação e Tecelagem São Luís (1894).

No final do século XIX, estes seis empreendimentos surgiram numa capital onde a economia aquecida trouxe grandes vantagens não só para os proprietários das fábricas, mas também à população em geral. Foi com o surgimento destas fábricas que São Luís tentou continuar como uma importante Província no cenário nacional. O surgimento de bairros como o Anil, a Madre Deus e o Canto da Fabril, por exemplo, estão diretamente atrelados ao funcionamento da Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil; Fábrica Santa Amélia e Fábrica Santa Isabel, respectivamente. Segundo Cafeteira (1994), no ano de 1900 um novo recenseamento registra em São Luís uma população de 36.798 pessoas.

Fábrica Camboa ou Companhia de fiação e tecidos Maranhense

A Fábrica Camboa que vemos na figura 2 foi a primeira fábrica têxtil e uma das mais duradouras da capital maranhense entrou em operação em 1º de janeiro de 1890, as obras foram dirigidas por um importante engenheiro da época, Palmério de Carvalho Cantanhede. Também ficou conhecida como Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense. Curiosamente, a mão-de-obra era majoritariamente feminina, contratadas das camadas mais pobres da cidade. As mulheres exerciam as funções de tecelã e fiadeiras, enquanto os operários estrangeiros eram responsáveis pelo funcionamento do maquinário (MIÉCIO JORGE, 1950).

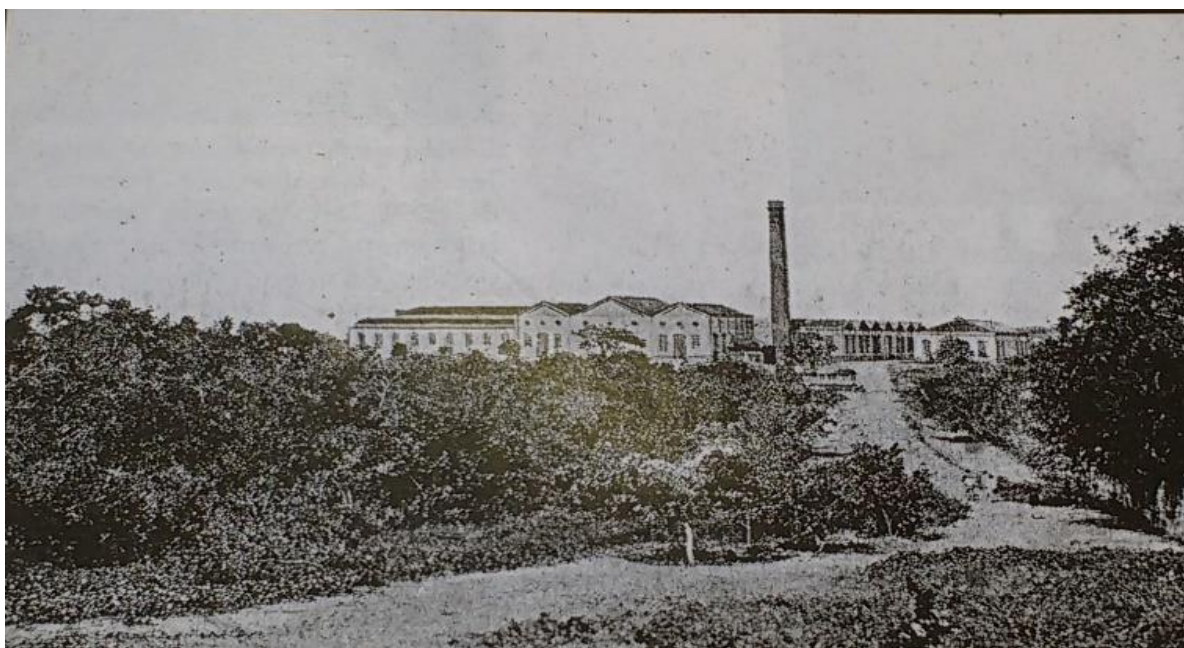


Figura 2: Fábrica Camboa, vista geral
Fonte: Miécio Jorge, 1950



ARQUIMEMÓRIA 6

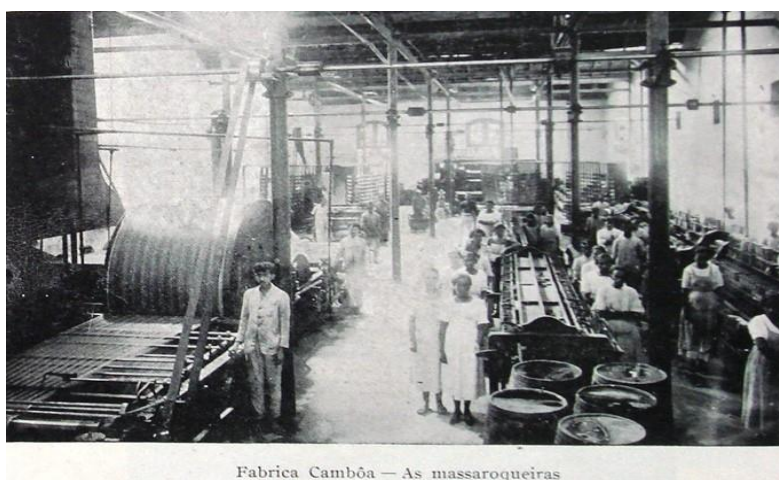
SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

A Fábrica tinha uma área de 9.925 metros quadrados e quando foi instalada ficava distante do núcleo fundacional da cidade contribuindo para desconcentração demográfica e expansão de São Luís. A Fábrica da Camboa, ficava situada às margens do rio Anil, próxima a baía de São Marcos a pouco mais de 4 km do perímetro urbano daquela época. Na figura 3 observa-se o antigo edifício e sua grande dimensão.



Figura 3: Fábrica Camboa, fachada
Fonte: Álbum, 1923

Assim como as outras fábricas da cidade, a Camboa também sofreu a crise do setor algodoeiro. Era a mais antiga da cidade e operava com 300 teares para produzir anualmente 3.500.000 metros de pano branco e riscado (MARQUES, 2008). Segundo Miécio Jorge (1950), a empresa chegou a ser vendida para quatro grupos empresariais: Cunha & Cia, Ribeiro Enes & Cia, Sabóia de Albuquerque & Cia e Francisco Aguiar & Cia. Após quase 70 anos de funcionamento, a fábrica encerrou suas atividades em 1959. Na figura 4 destacamos o interior da fábrica em plena atividade.



Fabrica Cambôa — As massaroqueiras
Figura 4: Fábrica Camboa, seu interior
Fonte: Álbum, 1923



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

O terreno foi vendido para o grupo de comunicação Difusora, que veio a inaugurar suas instalações no ano de 1973. Na figura 5 observa-se que não foi preservada nada da sua estrutura e durante a pesquisa, não foram encontrados registros das plantas baixas do prédio, apenas algumas antigas fotografias da fábrica.



Figura 5: Fábrica Camboa e atual sede da Difusora, emissora de televisão
Fonte: Wikipédia, 2024

Companhia de fiação e tecidos cânhamo

Esta Fábrica pertencia ao Grupo Neves Sousa, iniciou a construção em 1890 e no ano seguinte iniciou suas atividades (MARQUES, 2008). Localizava-se no bairro da Madre de Deus, Rua São Pantaleão ou Rua Senador Costa Rodrigues, próximo ao Porto da Praia Grande, as margens do Rio Bacanga (MIÉCIO JORGE, 1950). É um dos mais ricos exemplares da arquitetura fabril de São Luís. Na figura 6 podemos visualizar a dimensão dessa antiga fábrica hoje um centro de artesanato.



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024



Figura 6: Fábrica Canhamo e sua implantação
Fonte: Cafeteira, 1994

Possuía cerca de 250 funcionários e o maquinário inglês possuía um motor de 120 cavalos e 105 teares. Chegou a produzir 1.500.000 metros de estopa por ano (MIÉCIO JORGE, 1950). A infraestrutura era de boa qualidade. A área total era de 29.300m² e área construída era de 6.492,96m². Os maiores galpões eram destinados à carreteleira, fiação e massaroqueiras (linha de produção de indústria têxtil). Aos fundos estavam os batedores e a oficina mecânica. Havia também áreas de depósito, embalagens, casa de máquina, tinturaria e carpintaria. Além disso, uma casa de nove cômodos ficava dentro do terreno. Na figura 7 observa-se a antiga fachada.

Por razões administrativas, foi à falência em 1969. Na década de 80 chegou a ficar em grande parte arruinada, mas foi integrada ao patrimônio público em 1987, sendo totalmente restaurada e hoje, nas suas instalações funcionam o Centro de Produção Artesanal do Maranhão, Ceprama (CAFETEIRA, 1992). Essa intervenção foi uma boa proposta recuperando um significativo espaço arquitetônico dando novos usos e abrindo a possibilidade de emprego e renda integrando a comunidade local e o turismo.



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

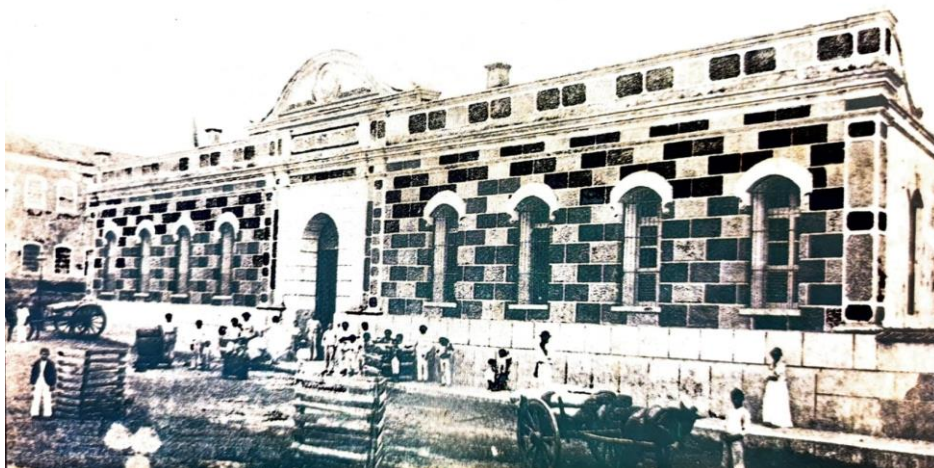


Figura 7: Fábrica Cânhamo
Fonte: Foto de 1930 apud Cafeteira, 1994

O projeto de reforma proposto valorizou as características originais da edificação como a grande chaminé vista de longe na paisagem em que está inserida, detalhes do piso de entrada em ladrilho hidráulico, as espessas paredes construídas em pedra, as telhas francesas em barro, as telhas de vidro para captar iluminação e as estrutura metálica, e ainda foi deixado uma peça do maquinário antigo em uma sala de exposição.

Na figura 8 observa - se a fachada onde destaca-se os vãos das janelas em arco abatido, janelas em madeira com venezianas protegidas por gradis de ferro, óculos, platibanda, a cimalha e a volumetria grandiosa e moderna para aquela época em que foi construída a edificação.



Figura 8: Fábrica Cânhamo na atualidade
Fonte: Wikipédia, 2024

O atual bairro da Madre Deus nos arredores da fábrica deve seu crescimento significativo à existência da Companhia Cânhamo e a Companhia de Fiação e Tecelagem São Luís que



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

funcionavam na mesma região. A figura 9 mostra a planta baixa da fábrica destacando suas dimensões grandiosas que impactaram no bairro.

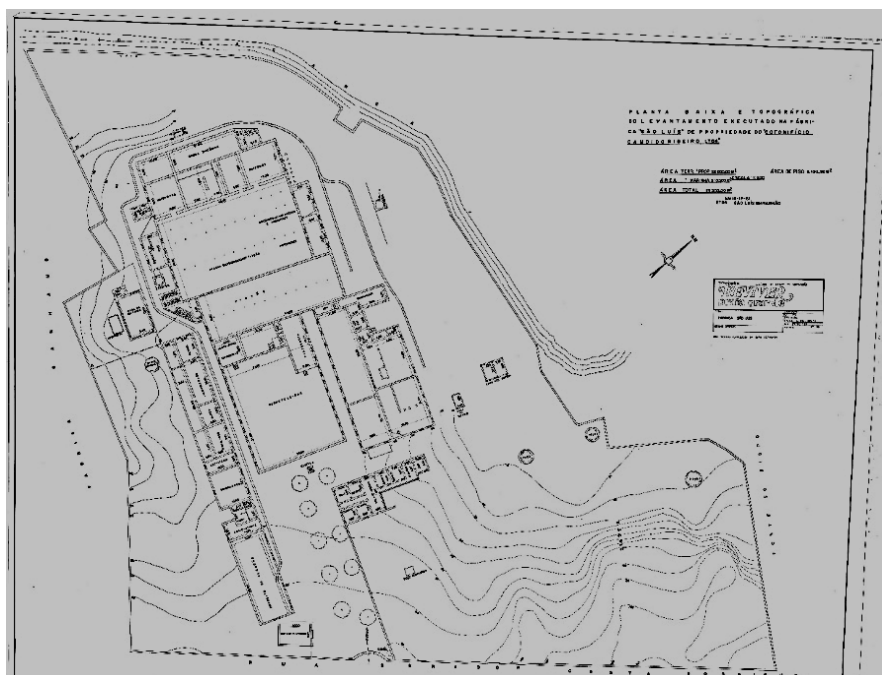


Figura 9: planta baixa da Fábrica Canhamo
Fonte: Secretaria de Cultura, 1989 apud Barros 2018

Fábrica Santa Isabel ou companhia fabril maranhense

A Fábrica Santa Isabel ou Companhia Fabril Maranhense foi, na opinião de Miécio Jorge (1950), a mais significativa do Estado, já que tinha a capacidade de produzir diferentes tipos de tecido, entre eles: Brins da marca Vargas, Atenas, Patriarca, Recife, Mac Artur, Buarque, Mearim, Congo, Dutra, Churchil, Tamandaré, Coordenador, Brumel, Tropical, Jerry, Guerreiro e Fabel; riscados da marca Tiradente, Bororó, Papão, Baluarte e Pindaré; mesclas Riomar; zefires Pérola, Safira, Nazir, Argentina, Rex e Diamante. Ocupava uma área de 6.993 metros quadrados, e foi inaugurada em janeiro de 1892 instalada em área pobre e muito pouco assistida pelo poder público local, na época (MARTINS, 2005). Na figura 10 temos uma imagem da sua fachada registrada no Álbum de 1899.



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

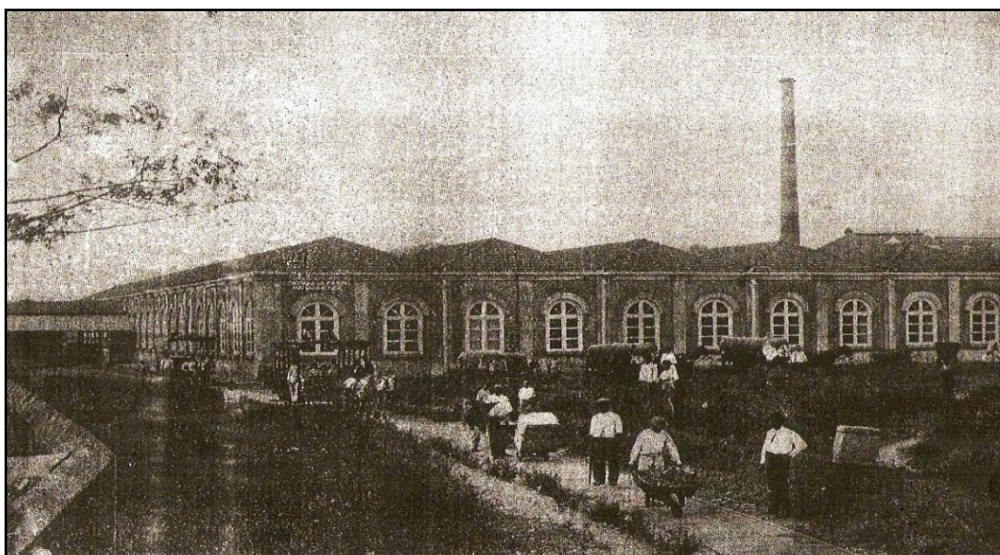


Figura 10: Fábrica Santa Izabel
Fonte: Álbum de 1899

Como muitas fábricas em São Luís a Fábrica Santa Izabel também foi instalada nos arredores da cidade e estimulou o surgimento de bairros operários nas proximidades, como forma de garantir assiduidade dos operários, assim surge o bairro conhecido como Canto da Fabril que ainda hoje preserva algumas unidades de casas construídas naquela época, como destacamos na figura 11. Eram pequenas construções em estilo porta janela alinhadas ao limite dos lotes sem recuos laterais retratando uma época de resquícios da escravidão e o sonho de prosperidade econômica (LOPES, 2008).

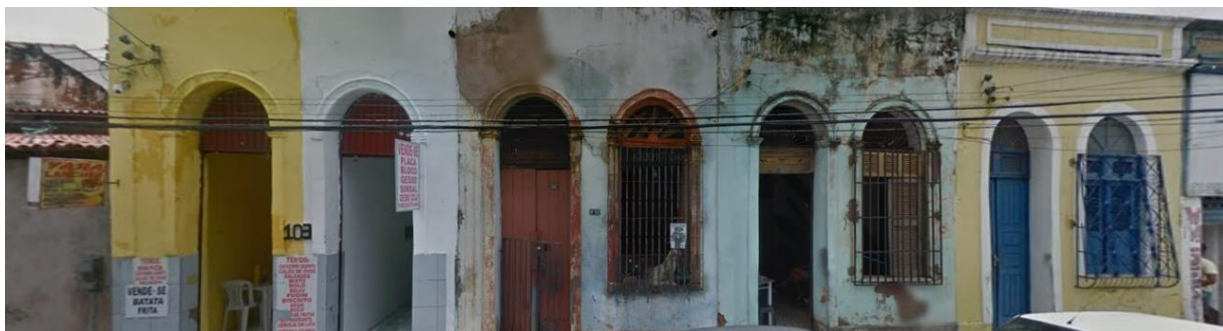


Figura 11: Fachada das casas no Canto da Fabril
Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Não foram encontradas plantas do prédio que abrigou a fábrica, mas, pelas imagens, é notória a sua imponência, com grandes esquadrias de madeira, vidro e ferro, adornadas com arcos em alto-relevo. Num dos galpões ficava o moderno maquinário inglês acionado por um motor de 570 cavalos que propulsionava 522 teares e 149 máquinas auxiliares. Tudo isso era operado por cerca de 600 ou 900 funcionários (MIÉCIO JORGE, 1950).

A fábrica exportava seus produtos para vários estados brasileiros e também para alguns países da América do Sul. Foi a última fábrica têxtil do Estado a falir, e os motivos da falência devem-se à incapacidade dos proprietários na organização de problemas econômicos (MIÉCIO JORGE, 1950).



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

Ao lado da fábrica, um luxuoso chalé foi erguido para abrigar esporadicamente o proprietário da empresa, que passava a maior parte do tempo na Inglaterra. Em 1942 o chalé foi comprado pela família Aboud, que morou por 20 anos e posteriormente pertenceu ao INSS. O chalé é uma edificação residencial em estrutura de ferro, chegou na cidade pronta para ser montada, é um exemplar singular em São Luís da “taipa de ferro” no Brasil (LOPES, 2008). Como observa –se na figura 12, o chalé era constituído por dois pavimentos, planta retangular, terraço em “L”, com recuos nas laterais, frente e fundo. Em 1984 houve uma tentativa de demolição e em 1992 foi tombado.

O chalé foi única edificação que restou, a estrutura da fábrica não existe mais, o galpão onde a indústria estava instalada serviu como um depósito dos supermercados Hiper Bompreço, do grupo Wall Mart Brasil e encontra se descaracterizado.



Figura 12: Chalé do Canto da Fabril
Fonte: Lopes, 2008

Fábrica Santa Amélia

Foi fundada em 1892 na Rua da Madre Deus (atual Cândido Ribeiro), quando os empresários do setor têxtil Antônio Gonçalves Fontes, Carlos Ferreira Coelho e Álvaro Rodrigues de Moura realizaram uma pesquisa e constataram a necessidade de uma fábrica que produzisse tecidos mais acabados, com utilização de matéria prima manufaturada de seda e lã, já que as outras fábricas produziam apenas tecidos de algodão (MIÉCIO JORGE, 1950).

A indústria, a qual observamos sua fachada na figura 13, foi instalada num sobrado que posteriormente foi ampliado com anexos construídos com ferro fundido, para abrigar o moderno maquinário inglês. A montagem da estrutura foi executada pelo engenheiro João Serapião da



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

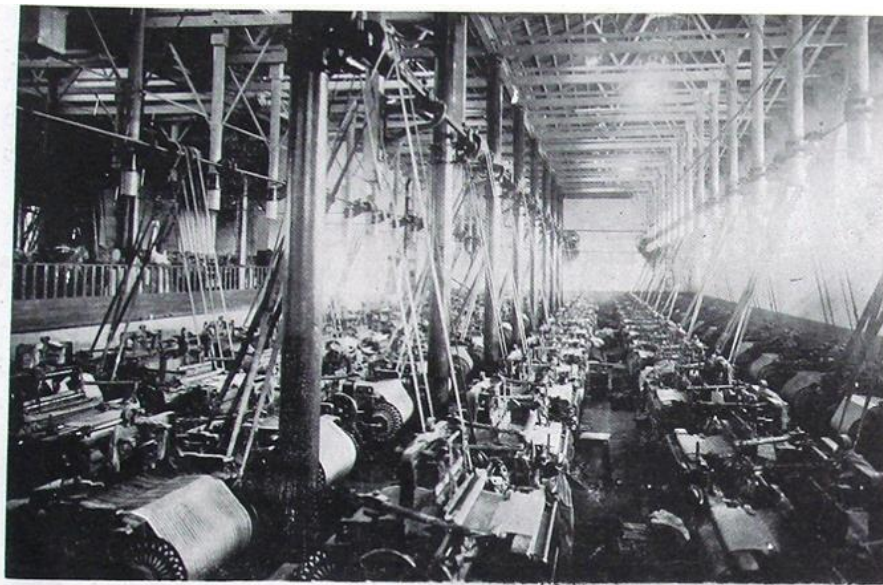
Conceição. O estilo arquitetônico sofreu grande influência inglesa: estrutura de ferro e telhas de Marselha (MIÉCIO JORGE, 1950).



Fachada do edifício da Fábrica de Tecidos « Santa Amélia »

Figura 13: Fachada da Fábrica
Fonte: Álbum, 1923

A fábrica dispunha de 280 teares e máquinas de 250 cavalos (MARQUES, 2008), e só funcionou até 1897. Um dos motivos deste encerramento de atividades precoce foi o despreparo do operariado maranhense, que não tinha muitos conhecimentos técnicos. Depois disso, outros empresários tentaram reerguer a produção, mas não obtiveram êxito por muito tempo, encerrando as atividades em 1966 (IPHAN, 2008). Na figura 14 visualizamos o grandioso salão de tecelagem em uma fotografia de 1923.



Fábrica « Santa Amélia » — A tecelagem

Figura 14: Salão de tecelagem da fábrica
Fonte: Álbum, 1923



Já nos anos 2000, a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) instalou, em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), os cursos de turismo, hotelaria e museologia nas antigas instalações da fábrica (ver figura 15). O conjunto encontra-se tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1º de julho de 1987.



Figura 15: Fachada atual da antiga Fábrica hoje pertencente a UFMA
Fonte: Wikipédia, 2024

Companhia de fiação e tecidos Rio Anil

Com uma área de 9.991 metros quadrados, edificada em pedra, cal e alvenaria a sua construção data de 30 de junho de 1893, tendo seu apogeu na década de 1930, época de grande desenvolvimento do bairro Anil que surge ao redor da fábrica, desenvolvimento que se estende até a década de 1950, entretanto não resistiu aos entraves e fecha suas portas em 1961 (LOPES, 2008). O estabelecimento se instalou a 10 km do centro de São Luís, situada às margens do rio Anil, logo ganhou destaque pela sua magnitude, e é considerado por muitos o maior exemplar da arquitetura do século XIX em São Luís. Anos depois, tornou-se patrimônio arquitetônico nacional (ver figura 16).



ARQUI MEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024



Figura 16: Fachada da Fábrica
Fonte: Álbum de Gaudêncio Cunha, 1908

A cobertura de tesouras metálicas inglesas e telhas francesas tornou possível a construção de quatro grandes salões, que abrigavam: o salão das fiações; o depósito de algodão; o salão das prensas e o descaroçador e deslintador de algodão. Nos outros ambientes estavam instalados almoxarifado, escritório, batedor de algodão, área de limpeza do algodão, oficina mecânica, sala de máquina, caldeira, banheiros e diversos depósitos de matérias-primas, embalagens e produtos prontos.

A entrada se dava por um grande portão de ferro fundido. A fachada principal era adornada por sete óculos (elementos arquitetônicos redondos, localizados acima das aberturas), portas almofadas e grandes esquadrias de madeira e vidro.

A construção era toda em pedra, cal, tijolos e alvenaria; o pavimento, feito com cimento sobre pedra britada; o teto, constituído por estruturas de ferro sustentadas por pilares do mesmo metal, firmados em blocos de concreto ciclópico, coberto com telhas de cerâmica e vidro fabricados em Marselha, França; os alicerces e os assentamentos da máquina motora, em razão de ser lençol freático muito à superfície, foram feitos em estruturas argamassadas de cimento, cal, areia e barro, sendo que para fundamento e base da máquina motora construíram-se paredes com 2,5 metros de espessura com argamassa de cimento, para evitar infiltrações d'água no subterrâneo do volante (ITAPARY, 1995, pág. 37).

A Companhia entrou em operação com 144 teares e uma seção de branqueamento (ver figura 17). Foi necessária a contratação de imigrantes europeus (portugueses e italianos) para operarem as máquinas. Segundo Itapary (1995), os gastos com a contratação de funcionários foram muitos, pois nos anos em que a fábrica começou a operar, o número de habitantes era pequeno, em torno de 35 mil em São Luís, e a população total do Estado era de 430.000.



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024



Figura 17: Sala dos teares

Fonte: Álbum de Gaudêncio Cunha, 1908

Os trabalhadores buscaram moradia nos arredores da fábrica para sanar o problema do transporte, precário na época, povoando assim o bairro Anil. Em 1894 iniciou-se um programa de construção de moradias no entorno do estabelecimento. Foram edificadas oito casas de meia-morada, 20 quartinhos de taipa e 20 casas de porta e janela (ITAPARY, 1995).

A Companhia construiu, além do edifício da fábrica, muitas casas para seus funcionários e operários e uma ponte sobre o riacho que passa ao lado daquele estabelecimento. No mesmo ano em que este se inaugurou, a ponta dos trilhos do caminho de ferro suburbano de São Luís ao interior da ilha, iniciado em 1891, alcançava o lugar do Anil (MARQUES, 2008, pág.58).

A fábrica dominou por muitos anos o setor têxtil, já que seus tecidos de algodão apresentavam boa qualidade, principalmente devido à brancura. Em 1930 era a responsável por metade da produção de tecidos de algodão no Estado. A produção começou a desandar depois que o estoque de matéria-prima se esgotou, devido ao alto preço do algodão. A empresa chegou à falência no ano de 1966, decorrente de diversos problemas como: a Revolução de 30, que trouxe uma série de direitos e leis trabalhistas; o atraso tecnológico; um acidente decorrente da explosão de caldeiras que gerou algumas vítimas e a concorrência para a exportação com indústrias de outros estados (ITAPARY, 1995). O prédio que comportava a firma agora pertence à Fundação Nice Lobão e abriga as instalações do Centro Integrado Rio Anil - CINTRA, escola de ensino médio instalada desde 1994 (ver figura 18).



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024



Figura 18: Fachada da Escola Cintra
Fonte: Wikipédia, 2024

Já o bairro deve muito à fábrica, pois o seu desenvolvimento esteve diretamente atrelado à existência dela. O Anil está a, aproximadamente, 10 quilômetros do centro de São Luís, na época da instalação da fábrica ficava no “arrebalde” da cidade, mas hoje pode ser considerado um bairro “independente” no âmbito da prestação de serviços. Na figura 19 podemos observar no mapa a distância entre o centro da cidade de São Luís e os arredores onde foi implantada a fábrica. Hoje o Anil é um bairro com grandes avenidas, empresas, shopping center e uma larga rede de instituições de ensino, sua população é de cerca de 10.000 habitantes e no seu entorno estão edificados mais de 3.000 prédios.



Figura 19: A ilha de São Luís
Fonte: Ferreira, 1991 adaptado pela autora, 2021

No entanto ainda hoje a estrutura da fábrica é uma grande referência para o bairro, tanto por sua história como pela dimensão da estrutura que encontra - se bem preservada e com atividades compatíveis para esse grande espaço. Nas figuras 20 e 21 observa-se a planta baixa e as fachadas.



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

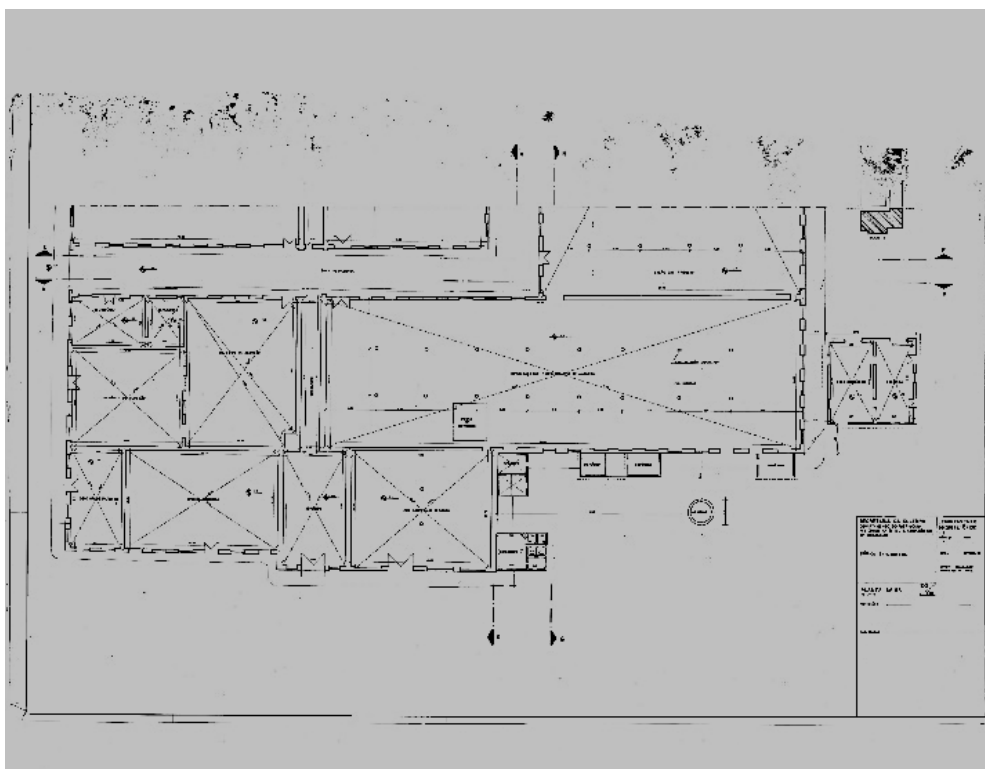


Figura 20: Planta baixa da fábrica
Fonte: Secretaria de Cultura, 1989 apud Barros 2018

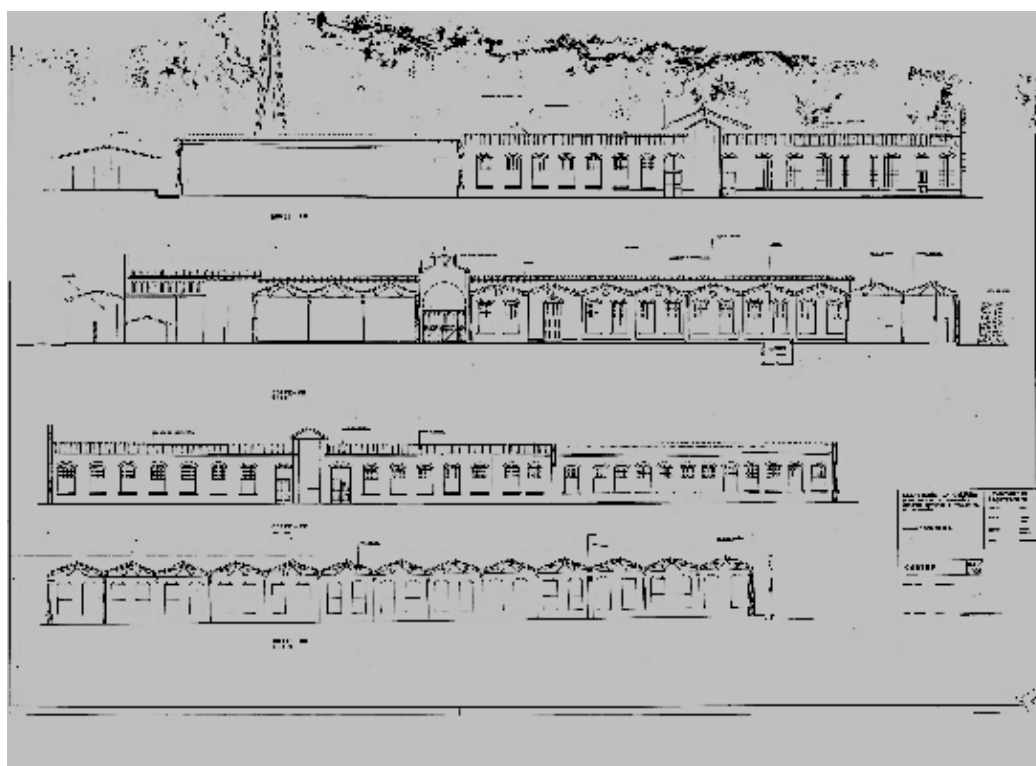


Figura 21: Cortes da fábrica
Fonte: Secretaria de Cultura, 1989 apud Barros 2018



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

Companhia de fiação e tecidos São Luís

Esta fábrica visualizada na figura 22 no Álbum de 1950, foi inaugurada em setembro de 1894. Se comparada à Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil, era de pequenas proporções, pois contava com apenas 60 funcionários que operavam 55 teares, originando, anualmente, 1.400,000 metros de estopa, que era o principal produto da empresa. Esse produto era, geralmente, destinado ao ensacamento de diversos produtos maranhenses que seriam exportados e ainda aos trajes de ex escravos (MIÉCIO JORGE, 1950).



Fachada do edifício da Fábrica de Fiação "S. Luís"

Figura 22: Fachada da fábrica
Fonte: Fonte: Miécio Jorge, 1950

Foi uma indústria de pouco destaque. Segundo Miécio Jorge (1950), a estrutura era simples e o maquinário ainda muito rudimentar (ver figura 23). Possuía apenas 120 cavalos e necessitava de manutenção diária. Também se localizava na rua São Pantaleão, no bairro da Madre Deus nas proximidades do rio Bacanga.

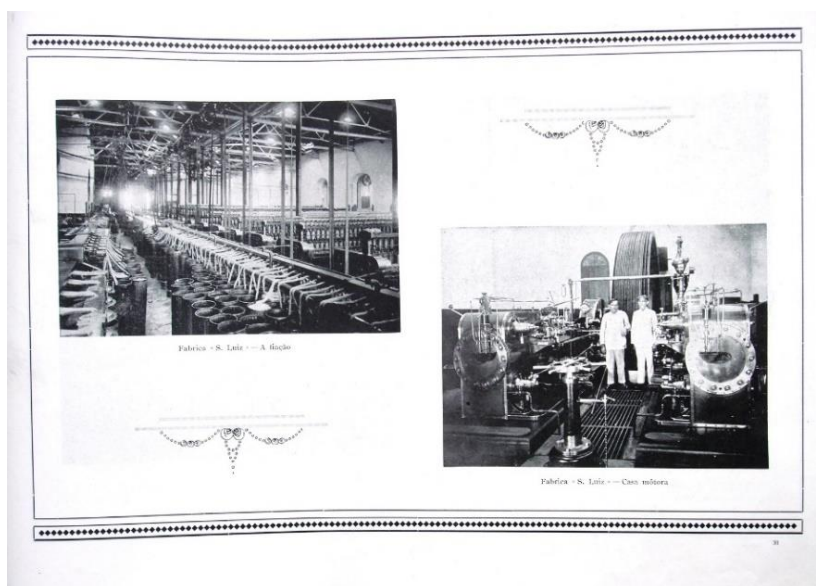


Figura 23: Fachada da fábrica
Fonte: Fonte: Miécio Jorge, 1950



Mais tarde, o empresário do ramo industrial Cândido Ribeiro incorporou a firma ao seu patrimônio e, por causa da crise que assolava o setor algodoeiro, buscou uma alternativa para que o empreendimento continuasse rendendo lucro. A partir de então, no século XX, a fábrica ganhou novas máquinas e passou a extrair do óleo de babaçu, que também entrou em declínio tempos depois. A falência foi anunciada na década de 1960 (MIÉCIO JORGE, 1950).

Nas pesquisas realizadas não foram encontradas plantas baixas ou registros dos elementos arquitetônicos da fábrica. O terreno onde estava instalada pertence a algumas instituições financeiras, e encontra-se em estado de degradação, como observado na figura 24.



Figura 24: Ruínas da fábrica
Fonte: Arquivo pessoal, 2024

São Luis patrimônio mundial

Ao longo desses 412 anos de história São Luís do Maranhão construiu um grande e rico patrimônio arquitetônico, o qual juntamente com seu traçado do século XVII, permitiu que a cidade recebesse o título de Patrimônio Mundial no ano de 1997. Em uma área com cerca de 220 hectares que englobam os bairros da Praia Grande, Desterro, Ribeirão, Santo Antônio, Remédios, Centro e se estendendo até o Canto da Fabril temos distribuídos um total de 1357 imóveis dentro do tombamento federal e 4620 imóveis dentro do tombamento estadual (MANUAL DO CENTRO HISTÓRICO SÃO LUÍS PATRIMÔNIO MUNDIAL, 2024). No mapa a seguir (Ver figura 25), podemos visualizar a área de tombamento federal inscrita na Unesco como Patrimônio mundial e também a área de tombamento estadual. Das fábricas pesquisadas apenas a fábrica Santa Amélia está inserida na área de tombamento estadual as demais estão fora da área tombada.



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

MANUAL DO CENTRO HISTÓRICO SÃO LUÍS, UM PATRIMÔNIO DO MUNDO



Figura 25: Centro Histórico de São Luís

Fonte: MANUAL DO CENTRO HISTÓRICO SÃO LUÍS PATRIMÔNIO MUNDIAL, 2024.

Entende - se por patrimônio mundial, uma região ou área que vem a ser considerada pela comunidade científica de inigualável e fundamental importância para a humanidade. Pode vir a ser um único monumento ou construção, ou o conjunto arquitetônico delimitado em uma cidade, vila ou região, ou toda a área, pode ser uma única caverna, ou vale, ou toda a região devido ao seu valor histórico, arqueológico, natural, ambiental, ou um conjunto desses fatores e vem a ser reconhecida pela Unesco a fazer parte da Lista do Patrimônio Mundial; também se inclui na lista, manifestações e rituais. Em São Luís do Maranhão, por exemplo, além do patrimônio material, ou seja, seu centro urbano e edifícios, podemos destacar seu patrimônio imaterial a exemplo do Tambor de Crioula e o Completo Cultural do Bumba Meu Boi (MANUAL DO CENTRO HISTÓRICO SÃO LUÍS PATRIMÔNIO MUNDIAL, 2024).

Mesmo sendo uma cidade com um título tão importante, São Luís não teve o cuidado necessário para com seu patrimônio industrial, como vemos na pesquisa poucas estruturas foram preservadas e dadas a elas novos usos. Faltou uma maior sensibilidade para com seu conjunto fabril, ao tempo de sua implantação e adaptação na atualidade. Observamos o abandono, descaracterização e a degradação de algumas dessas antigas fábricas, talvez o fato dessas edificações não estarem dentro da área tombada não se estabeleceu uma prioridade e critérios claros para que essas antigas áreas industriais da cidade fossem preservadas e valorizadas.

Segundo Rufinoni (2013, pág. 323), “o caminho para a preservação do patrimônio urbano deve buscar a retomada do entendimento da preservação e do restauro como atos críticos e como ações pautadas pelo reconhecimento das especificidades do artefato cultural”.



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a abolição da escravatura, em 1888, o Maranhão sofre um grande impacto na sua economia baseada na mão-de-obra escrava. O Estado tenta se transformar de rica província agrária para um Estado industrial. Durante um determinado tempo até consegue ter êxito, mas, depois, lentamente os sinais de estagnação econômica vão se acumulando.

Embora alguns autores da literatura regional considerem a decadência da sociedade escravista como o fim do apogeu e o início de um período de prolongada letargia para a cidade de São Luís, essa mudança representou, de fato, o início de novas possibilidades. Com a República, a geração de riquezas provenientes das exportações na Província do Maranhão foi conservada e ampliada com a produção industrial têxtil. De fato, os ventos republicanos e abolicionistas, expandem ainda mais as atividades econômicas e fazem de São Luís uma cidade cosmopolita, cada vez mais moderna, culta e preocupada com o seu desenvolvimento social (ZENKNER, 2011).

No relato de Humberto de Campos, menino pobre que nasceu no Maranhão, em Miritiba, em 1886 e morreu no Rio de Janeiro em 1934 e que publicou em 1933, "Memórias 1886-1900", livro de crônicas do começo de sua vida, constatamos a impressão que se tinha da São Luís no século XIX. Na verdade, o escritor chega a São Luís em 1893 e na sua lembrança de menino descreve a cidade e casa do tio que acolheu sua família, após a morte do pai, um ano antes. A casa localizava-se na Rua da Inveja, no bairro pobre da cidade, em frente a uma ladeira de calçamento grosseiro, passeios irregulares e estreitos. Defronte a ela erguia-se o muro e uma chaminé, nos fundos de uma fábrica, que exalava um cheiro de gás que lhe dava a "ideia de progresso" (ZENKNER, 2011).

Constatamos como as fábricas se destacavam na cidade da virada do século XIX para o XX, embora sobrevivam somente até a segunda Guerra Mundial. Tempos depois, entram em falência, pois não conseguem competir com as indústrias mais modernas do sul do país, mas essas estruturas são um registro importante dessa história e devem ser preservadas.

Das seis fábricas analisadas três não preservaram sua estrutura e características: as fábricas da Camboa e Santa Izabel embora tenham absorvido outras atividades na sua estrutura edificada, a primeira hoje é sede da empresa de rádio e televisão Difusora e a segunda serve de depósito para uma rede de supermercados, não conseguiram preservar a arquitetura fabril do século XIX. A Companhia de Fiação e Tecidos São Luís como podemos observar no local encontra-se em total estado de abandono, inserida em uma área importante da cidade e ocupando uma grande área que hoje está abandonada.

As outras três fábricas, hoje abrigam na sua estrutura outras atividades. A Fábrica Cânhamo hoje funciona o Centro de artesanato do Maranhão, a Fábrica Santa Amélia abriga o curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão e a Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil abriga uma escola de nível médio. Nesses exemplos observamos como novos usos são importantes para a preservação do patrimônio, já que, quando adaptados de modo correto, preservam a edificação e diminuem as chances de desgaste inserindo essas grandes estruturas na vida da cidade contemporânea.

Mesmo com registros escassos de algumas fábricas, é possível analisar as imagens e plantas existentes e concluir que seus elementos arquitetônicos eram os mesmos: portões de ferro fundido; grandes esquadrias de madeira e vidro adornadas com arcos em alto-relevo; cobertura em estrutura metálica com tesouras inglesas e telhas francesas; óculos nas fachadas; platibandas e chaminés



em tijolos de alvenaria. Os empresários maranhenses, quando iam a Londres realizar negócios, encomendavam o maquinário, o projeto arquitetônico e, por vezes, já traziam consigo os operários e os construtores especializados.

Além dos elementos arquitetônicos em comum, registramos também a falência de todas as fábricas num curto intervalo de tempo, na metade do século XX. A crise no setor algodoeiro foi uma das responsáveis para isso. Além do mais, enquanto as indústrias maranhenses operavam com maquinário do século XIX, as fábricas de Recife e Salvador, por exemplo, já possuíam motores mais modernos, produzindo, conseqüentemente, tecidos de qualidade superior e num preço melhor.

A conservação do conjunto fábrica/entorno, ajuda a contar a história dos “anos dourados” de uma cidade que conseguiu driblar problemas adversos e se estabelecer como um importante polo para a economia do país durante o século XIX: “a Manchester do Norte”. É preciso chamar atenção para esse legado e permitir que novas gerações tenham acesso a essa história.

Também foi a partir das fábricas que a cidade de São Luís cresceu em território e número de habitantes. Oriundo desse período vieram uma ampliação na malha viária; saneamento básico em alguns pontos; transporte público e um leque de outros serviços públicos. Vale ressaltar ainda que toda essa movimentação industrial fazia a economia pulsar, muitos empresários foram beneficiados direta e indiretamente durante e depois do funcionamento das fábricas, gerando riqueza no município. A empregabilidade também é um ponto de destaque, não encontramos números exatos registrados, mas estima-se que muitos maranhenses foram empregados em funções diversas nestes empreendimentos fabris.

Podemos considerar o período industrial de São Luís como de extrema importância para a formação urbana, econômica e social da cidade. As fábricas contam um pedaço importante da história e, por isso, o levantamento dos dados e a preservação do patrimônio são cruciais para que a memória e o entendimento do período de apogeu da capital e sua repercussão na forma da cidade atual.



REFERÊNCIAS:

Andrés, Luiz Phelipe de Carvalho Castro. *Centro Histórico de São Luís Patrimônio Mundial*. São Paulo: Audichromo, 1998.

Álbum Comemorativo do 3º Centenário da Fundação da Cidade de São Luís, Capital do Estado do Maranhão. Apresentação Domingos Perdigão. São Luís: Typ. Teixeira, 1913.

Álbum: Estado do Maranhão. (org.) Cavalcanti Ramalho. Belém: imprensa Oficial, 1923.

Álbum: Maranhão Ilustrado. *São Luís*: Gaspar Teixeira e Irmãos, 1899. Propriedade da Alfaiataria Teixeira do Maranhão.

Álbum do Maranhão (org.) Miécio de Miranda Jorge. São Luís: imprensa Oficial, 1950.

Barros, André Oliveira e Zenkner, Thaís Trovão dos Santos. *Manchester do Norte: arquitetura fabril em São Luís durante o século XIX*. São Luís, 2018 (Trabalho de Iniciação Científica).

Barros, Valdenira. *Imagens do moderno em São Luís*. São Luís: Unigraf, 2001.

Brito, Nathália. *Um resgate histórico das primeiras fábricas de São Luís: o caso das Fábricas do Rio Anil e Santa Amélia*. São Luís, 2013.

Campos, Humberto de. *Memórias: 1886-1900*. Rio de Janeiro: Marsisa, 1933.

Cafeteira, Epitácio. *Reviver*. Prefácio Américo Azevedo Neto. Brasília, DF: Senado Federal, 1994.

Choay, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

Cunha, Galdêncio. *Maranhão 1908: Álbum fotográfico*. 2ª ed. São Luís: Edições AML, 2008.

Diana, Daniela. *O que é Patrimônio histórico?*. Disponível em: <<https://www.toda materia.com.br/patrimonio-historico/>> Acesso em: 11 Nov. 2019.

Ferreira, Justo Jansen. *Fragmentos para Chorographia do Maranhão*. São Luís: Tipografia de A. P. Ramos d' Almeida & Comp. Suees, 1901.

Ferreira, José de Araújo. *A produção do espaço urbano em São Luís do Maranhão: passado e presente; há futuro* São Luís: EDUFMA, 2014.

Filho, Domingos Vieira. *Breve História das ruas e praças de São Luís*. Brasília: Editora Olímpica, 1971.

Itapary, Joaquim. *A falência do ilusório: memória da Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil*. São Luís: Alumar, 1995.

Lopes, José Antônio Viana. São Luís: história urbana. In: LOPES, José Antônio Viana (Org.). *São Luís: ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem*. Sevilha: Consejería de Obras Públicas y Transportes, Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008.

Manual do Centro Histórico São Luís Patrimônio Mundial. Ministério da Cultura, Prefeitura de São Luís e Instituto Cultural Vale (Orgs). São Luís: Quereres, 2024.



Marques, César Augusto. *Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão*. 3. ed. São Luís: Edições AML, 2008.

Martins, Ananias Alves. *São Luís: fundamentos do patrimônio cultural – séc. XVII, XVIII e XIX*. São Luís: SANLUIZ, 2000.

Meireles, Mário. *História de São Luís*. 2. Ed. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 1986.

Ribeiros Júnior, José Reinaldo Barros. *Formação do espaço urbano de São Luís: 1612 - 1991*. São Luís: Ed. do Autor/ FUNC, 2001.

Rossi, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Rufinoni, Manoela Rossinetti. *Preservação e restauro; intervenções em sítios históricos industriais*. São Paulo: Fap- Unifest: Edusp, 2013.

Secretaria de cultura do Maranhão. *Bens Tombados no Maranhão*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1987.

Silva. F. Olavo Pereira. *Arquitetura Luso Brasileira no Maranhão*. Belo Horizonte: Formato, 1998.

Viveiros, Jerônimo. *História do comércio do Maranhão: 1896-1934*. São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1964. v. 3.

Zenkner, Thaís Trovão dos Santos. *SÃO LUÍS 1840 A 1912: "a construção de uma capital": notas para uma história urbana*. 2011. 217 f. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Recife, 2011.

Zenkner, Thaís Trovão dos Santos. *SÃO LUÍS 1840 A 1912: "a construção de uma capital": notas para uma história urbana*. EDUEMA, São Luís, 2021.